

PROFISSIONALIDADE DOCENTE: A EMERGÊNCIA DA TRIÁDE DISCURSIVA PROFESSORA-MULHER-MÃE NO PENSAR E FAZER-SE PROFESSORA NOS ANOS INICIAIS

Priscilla Maria Silva do Carmo Pontes ¹

RESUMO

Ao investigarmos a profissionalidade docente nos anos iniciais, durante a pesquisa de doutorado (2021), através de entrevistas e observações do trabalho realizado por professoras no Agreste de Pernambuco, foi possível capturarmos o encontro entre os lugares por elas ocupados no social, sustentando a produção discursiva em torno dos sentidos para a sua profissão. Logo, nos questionamos: como a docência influencia e é influenciada pelo maternar das professoras que são mães? Como as dimensões pessoal, social e profissional destas mulheres se entrelaçam, produzindo novas maneiras de relacionar-se com a profissão? Neste direcionamento, apresentamos como objetivo para este trabalho – analisar a emergência da tríade discursiva mulher-mãe-professora na profissionalidade docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Para tanto, trazemos o diálogo teórico com as produções de ZIBETTI; PEREIRA (2010), BINS et al. (2024), BEZERRA (2016), que discutem o movimento entre a mulher e o maternar, e com ALVEZ; ANDRÉ (2013), AMBROSETTI; ALMEIDA (2009) e CRUZ (2017), que nos provocam quanto aos estudos da profissionalidade docente. A análise do discurso francesa (PÊCHEUX, 1983; 2016 / ORLANDI, 2010) nos ofereceu elementos teóricos para analisarmos o objeto de estudo e produzir nossas análises. Como considerações, inferimos que os lugares de mulher, mãe e professora, mediante a produção discursiva em torno da profissionalidade, convidam-nos a entender a docência como um terreno propício à luta por pautas que se entrelaçam, tais como: as consequências da feminização do magistério, jornadas de trabalho exaustivas e mal remuneradas, relações de trabalho ancoradas em cobranças que, por vezes, buscam apenas atingir indicadores e demandas externas às necessidades da escola, além da implementação de políticas públicas de valorização docente que considerem as peculiaridades das mulheres que são mães e lhes possibilitem condições mais respeitosas para viverem tanto a profissão quanto o maternar.

Palavras-chave: Profissionalidade, Anos Iniciais, Discurso, Professoras, Mães.

¹ Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, priscillapontessemeiar@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo, configura-se como oportunidade de apresentar os efeitos de sentidos que foram nos atravessando enquanto produzíamos a tese de doutorado, onde buscamos os sentidos de profissionalidade das professoras diante das contribuições das Secretarias Municipais de Educação, para com o seu fazer-se docente nos anos iniciais.

A pesquisa, por sua vez, trouxe-nos frestas para pensarmos sobre o quanto os estudos da profissionalidade, tomada na perspectiva discursiva, abrem possibilidades para que, sem desconsiderar a dimensão das individualidades das professoras, possamos nos dar conta, do coletivo no tocante às condições de produção do discurso de profissão, presente em seus fazeres, inclusive precarizando o trabalho docente (PONTES 2021, p.141).

Neste direcionamento, vimos compreendendo a profissionalidade docente como a profissão do professor em ação, aquilo que o professor realiza nas especificidades do seu cotidiano, estas peculiaridades giram em torno do ensino que é o cerne das atividades realizadas por este profissional (CARMO, 2013). E nos estudos desta temática, valorizamos o encontro entre a dimensão da personalidade das professora, os lugares por elas ocupados no social, mediante o atravessamento das políticas educacionais e curriculares pensadas-vividas para os cotidianos escolares.

Compreendendo desta forma que, quando as professoras produzem sentidos sobre a tessitura da sua profissionalidade, não a fazem de maneira deslocada das intenções destas políticas que permeiam os seus fazeres, nem dos lugares que ela ocupam na hierarquia social, visto que: “o sentido não existe em si, mas é determinado pelas posições ideológicas colocadas em jogo no processo sócio histórico em que as palavras são produzidas. As palavras mudam de sentido segundo as posições daqueles que as empregam” (ORLANDI, 2010, p. 42-43)

Partindo destas compreensões, identificamos que durante a produção de dados, as professoras dos anos iniciais, deixavam emergir enunciados que traziam um entrelaçamento de outros lugares por elas ocupados, o de mulher e de mãe. Estes enunciados saltavam enquanto elas falavam e viviam a sua profissão, trazendo os sentidos de sobrecarga, isolamento profissional e de frustração por não conseguirem dar

conta das suas expectativas profissionais e maternas.

A partir desta experiência com as professoras colaboradoras da pesquisa, fomos levantando alguns questionamentos, tais como: Como as subjetividades das professoras, que são mães, vem sendo acolhidas, nas pesquisas em formação de professores/as? Como a profissionalidade das professoras, afetam e são afetadas pela experiência do maternar?

Fomos então, construindo como objetivo para este artigo: analisar a emergência da tríade discursiva mulher-mãe-professora na profissionalidade docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Como, instrumental teórico-metodológico, dialogamos com a análise do discurso francesa, que nos afasta de conceitos rígidos em torno da profissionalidade docente, expandindo nosso olhar, para como a partir de pontos de fixação, os sujeitos produzem efeitos de sentidos, que se conectam em redes discursivas, produzindo e ampliando seus / nossos repertórios linguísticos e culturais.

As análises e produções de dados, nos conduziram a refletir sobre o quanto que a profissionalidade docente é atravessada pela dimensão do coletivo através das políticas educacionais e curriculares pensadas e propostas tanto para a formação de professores quanto para o nível de ensino onde este professor/a desenvolve suas atribuições, mas também a profissionalidade docente, sinaliza as marcas da personalidade de cada professor/a, de suas trajetórias, histórias de vidas e percursos profissionais, como em meio a essas dimensões foi/vai tecendo seus fazeres, considerando o seu lugar na teia discursiva.

2. METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Conforme já anunciamos, o objetivo deste trabalho é analisar a emergência da tríade discursiva mulher-mãe-professora na profissionalidade docente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, para tanto, nos apoiamos na análise do discurso francesa, que compreende o discurso como efeitos de sentidos entre interlocutores (PÊCHEUX, 1969).

Logo, o que se diz não é considerado como resultado apenas da intenção de um indivíduo em passar uma informação para o outro, mas da relação de sentidos estabelecida entre o falante, o ouvinte e o contexto histórico dos quais eles fazem parte, isso porque tanto o ouvinte, quanto o falante ocupam lugares diferentes na sociedade, e isto interfere na produção dos sentidos.

Os sentidos são, aqui, entendidos enquanto atos de construções simbólicas, produzidos pela professora colaboradora da pesquisa, em sua relação com a história, estando para além de uma representação coletiva frente a sua profissão, uma vez que revelam, através das suas vivências na sala de aula, uma profissão pensada-vivida no coletivo, mas intensamente atravessada pela dimensão pessoal, ou seja, por seus lugares ocupados no social, no caso, de mulher e mãe.

Este entrelaçamento da profissionalidade docente com a formação da pessoa, que existe na professora e dos lugares por ela ocupados, que também vão se construindo à medida que se desenvolve profissionalmente, é o que estamos designando tríade discursiva, ela nos possibilita captar a fusão entre sujeitos/professora e sentidos, na tessitura da profissionalidade, visto que, um prescinde da existência do outro (ORLANDI, 1996).

Quanto aos instrumentos para coleta e produção de dados, trabalhamos com o questionário sócio-profissional, que nos permitiram delinear o perfil da professora colaboradora da pesquisa. Com observações, que duraram aproximadamente três meses, e aconteciam no horário da tarde, nos valem de um diário de bordo, onde fizemos tanto os registros descritivo das aulas, quanto também dos afetos que iam nos atravessando enquanto pesquisadora, durante a realização do trabalho.

Realizamos ainda, entrevistas do tipo semiestruturadas, em virtude da maior flexibilidade que permitem tanto para nós, quanto para a professoras entrevistada. Nesse tipo de instrumento, há uma “série de perguntas abertas, feitas verbalmente em uma ordem prevista, mas o entrevistador pode acrescentar perguntas de esclarecimento” (LAVILLE; DIONNE; SIMAN, 1999, p. 188). E apesar de requererem a composição de um roteiro com tópicos selecionados, as questões seguiram uma formulação flexível e as sequências ficaram por conta do diálogo que fomos construindo com a professora / colaboradora da pesquisa.

3. REFERENCIAL TEÓRICO

O que resta à professora? Quem é essa professora que não pode ter e viver determinados sentimentos? Quem é essa mulher que precisa sufocar paixões e sacrificar seus desejos em nome de uma missão, de uma amor puro, sublime, quase sobrenatural? Essa mulher ou essa professora existe? Que existencia é essa? (ASSUNÇÃO, 1996, p.58)

Vimos investigando na formação de professores/as, a dimensão da personalidade que atravessa a profissionalidade docente nos anos iniciais. Por profissionalidade, compreendemos a profissão pensada-vivida no cotidiano da escola. Ou seja, a profissão em ação, capturada nas miudezas dos inúmeros afazeres docente, desenvolvidos nas salas de aula.

Apesar de ser materializada no cotidiano da sala de aula, a profissionalidade é construída no entremeio de uma dimensão coletiva, constituído por políticas educacionais, curriculares, ações discentes, gestoras, dos colegas de trabalho, além de toda “a organização e a cultura da escola intervém na constituição da docência” (AMBROSETTI; ALMEIDA 2009, p.599), e por uma dimensão individual forjado pelas histórias de vida (FERREIRA, 2014) e pela maneira particular como cada professor/a se relaciona com a sua profissão e com os elementos sociais que a cerca.

Ao nos referirmos ao grupo de professores/as, reconhecemos que estamos distantes de investigarmos um grupo homogêneo, logo, consideramos que eles mantêm uma riqueza considerável, quanto a sua diversidade, seja pela formação inicial que obtiveram, seja pelo seus perfis sócio-econômico, pela localização da escola onde trabalham, se é no centro, ou campesina, ou quilombola, indígena. Seja pelo vínculo empregatício que estes professor/as estabelece com as rede privada, municipal, estadual ou federal, onde pensam-vivem a profissão.

Por isso, em diálogo com Assunção (1996), conforme epígrafe deste texto, sentimos a necessidade de significar/reconhecer quem é essa pessoa que está exercendo a docência nos anos iniciais? Ou ainda nos dizeres de Diniz (2001), quais são suas dores? O atravessa ou o que afeta, o/a professor/a que vem desenvolvendo não só uma profissão, mas a sua própria existencia enquanto participa ativamente da formação de tantas crianças e adolescentes, na educação básica, do nosso país?

Historicamente, pesquisas como as desenvolvidas por (ZIBETTI, PEREIRA 2010; DINIZ, 2001) apontam que o magistério nos anos iniciais e na educação infantil é predominantemente desenvolvido por mulheres, desde o final do século XIX, se perpetuando esse perfil, até os dias atuais. É importante quando pesquisamos com esse grupo profissional, atentarmos para esse dado, até porque as políticas públicas e as iniciativas de valorização e formação docente, teimam em ignorá-los quando pensam nas

implementações de projetos e programas institucionais, em suas mais diversas facetas e isso tem implicação na profissionalidade docente em sala de aula, visto que:

A situação da mulher e sua inserção no magistério, principalmente o das séries iniciais, requer uma atenção tanto à questão da sua inserção na sociedade e na cultura, quanto à sua implicação na escolha dessa profissão. Assim é preciso compreender os percalços da profissionalização do trabalho docente, operando enquanto uma dinâmica de classe e uma dinâmica de gênero. (DINIZ, 2001, p. 199)

Considerando as contribuições de Diniz (2001) sobre a profissionalização docente mediante a presença da mulher-professora nos anos iniciais, ressaltamos a importância de considerar a construção social desta profissão, lançando olhar para as transformações sociais que acampam a história deste grupo profissional, predominantemente feminino.

Logo, registramos que a presença das mulheres na docência, favoreceu significativamente, a expansão da escolarização em nosso país, pois esta, por sua vez, foi se dando às custas de uma mão de obra baixo custo, que em seu nascedouro, não buscava no trabalho “fora de casa” realização profissional, acadêmica, reconhecimento ou fortalecimento de um status quo, mas foram recrutadas por se mostrarem honestas, prudentes e dignas de ensinar (LOURO, 2007), neste sentido, as “mulheres-professoras aparecem como figuras que se fixaram à sua condição “natural” de esposa e mãe, fazendo, por isso, uma opção pelo magistério como possibilidade de conciliar-se com os seus papéis. [...]” (DINIZ, 2001, p. 198).

Sob um outro olhar, Diniz (Ibid) ressalta que a profissão docente nos anos iniciais, desenvolvida por esse grupo profissional vem se configurando um local propício/oportuno a outras lutas, uma vez que é nesse espaço, onde as mulheres vão se politizando, se desenvolvendo enquanto pessoa e profissionais, ampliando os seus horizontes e os de outros.

Com os enunciados que trataremos a seguir nas análises dos dados, veremos que uma das pautas que chegam, nos discursos das professoras dos anos iniciais, como uma luta do professorado, no contexto da nossa pesquisa, foi chamar atenção para o seu lugar de mulheres que também são mães. Elas participam ativamente do mundo do trabalho, mas tem uma vida pessoal, desejam tempo para cuidar de si e para maternas a sua prole. Elas se queixam da dupla jornada de trabalho, salários baixos e das demandas acentuadas

de atividades que precisam levar para a casa, o que acabam por subtrair o tempo de participar da vida de seus filhos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acompanhar o trabalho desenvolvido pela professora Iluminata, escutá-la durante as aulas, durante a coleta de dados para a construção da tese de doutorado, foi nos remetendo a realidade de muitas professoras brasileiras, que desenvolvem suas atribuições profissionais, no interior dos estados e a como a conjuntura social histórica (Orlandi, 2017) de um país que acomoda um modelo patriarcal, em sua estruturação, ecoa nestas professoras, que para além das responsabilidades com o trabalho fora de casa, continuam assumindo a centralidade no cuidados com os filhos e com as atividades domésticas.

Logo, quando relacionamos a profissão pensada-vivida por Iluminata, através dos lugares que ela ocupa, pondo-a em diálogo com a literatura acadêmica², que olha para os impactos da política educacional nacional no cotidiano das professoras, conseguimos identificar a emergência dos sentidos de sobrecarga e descontentamento com a profissão.

Estando estes, relacionados a ausência de condições respeitadas e favoráveis para com o exercício profissional de mulheres que também são mães, haja vista que “a maior parte das políticas públicas e as iniciativas de valorização e de formação docente ignoram a composição majoritariamente feminina do magistério, na educação infantil e nos anos iniciais”. (Ibid, p.261).

Para tanto, considerando o que colocamos até então e ao recuperar as cenas discursivas, que nos falaram dos fazeres de Iluminata, lembramos que em outro momento da aula, na mesma tarde da sexta-feira, que falamos anteriormente, os sentidos de descontentamento com a profissão, em ressonância com aos seus lugares no social, escapam mais uma vez, enquanto conversava através de uma poesia, com a turma do 1º ano do Ensino Fundamental, sobre a data comemorativa ao dia das mães.

No quadro branco, a professora registrava a poesia - “Uma flor para mamãe”. Enquanto os estudantes a copiavam em seus cadernos, ela cola uma atividade no caderno

² Em especial pelas contribuições de Dametto, Esquisane (2015), Schuch (2016), Homem (2019), dentre outros.

de casa. Pede que eles identifiquem algumas palavras no texto. Mais adiante, pergunta:

Vocês sabem por que estão escrevendo esta poesia? Eles respondem em coro: Por Causa do dia das mães!!! A professora, sorri, balança a cabeça, afirmando e continua: Então, agora, vocês vão pintar a palavra mamãe na poesia.

Enquanto as crianças realizam as atividades, a professora me olha nos olhos, olha também para a assistente pedagógica que acompanhava, a estudante com deficiência que estudava naquela turma, e fala:

Difícil neh? Ser mãe, trabalhar... [respira fundo, solta o ar com força]. Eu tenho duas meninas. Uma tem dois anos e começou na escola agora pouco. [sorri, meio sem graça]. Ela me abraçou forte, chorando para que eu ficasse com ela, agora à tarde. [A professora balança a cabeça, levanta a sobrancelha].

Cuidar das meninas, trabalhar dois horários fora de casa, quando chego tem que cozinhar, dar atenção ao marido. [deixa a frase em suspenso, respira forte]. Eu queria ir para a academia, mas eu não consigo... [balança a cabeça, negando].

Hoje à noite vai ser a festa do dia das mães da escola das meninas. Eu queria arrumar meu cabelo ainda... Não sei se vai dar tempo.

(Diário de Campo, maio de 2019)

É possível perceber nestes enunciados, que o vínculo professora-mãe-mulher, se instaura, abrindo-se ao entremeado do conflito entre as dimensões pessoal, profissional e as responsabilidades que historicamente foram\ são atribuídas a condição de mulher, em nossa sociedade.

Dentre outros, vale analisar no desabafo da professora, como o lugar de quem trabalha fora de casa, mas continua respondendo pelo cuidado com os filhos pequenos ainda permanece centrado no feminino, conforme já sinalizamos, e como isso vem gerando descontentamento pra ela. Com Zibetti e Pereira (2010), é possível entender que:

Esta sobrecarga vai evidenciando aspectos culturais que se mantêm nas relações familiares, os quais levam as mulheres a assumirem as mesmas demandas que lhes eram atribuídas antes de ingressarem no mercado de trabalho. Mas também é consequência dos baixos salários recebidos pela categoria, pois enquanto outros profissionais mais bem remunerados/as encontram tempo livre para a família e o lazer por meio da contratação de mão de obra doméstica, as professoras não têm condições de fazer o mesmo. (p.270)

Portanto, ao olhar para as condições do magistério vivenciado nas escolas, campos de observação, considerando este cenário histórico que as autoras acima mencionaram, fomos sendo movidas por alguns questionamentos: o que seria possível que Iluminata estivesse dizendo sobre os sentidos de sua profissionalidade, ao interromper o

desenvolvimento da aula, com narrativas corriqueiras de sua vida cotidiana, situadas para além da escola? Ou ainda, o que é possível ler sobre os sentidos de profissionalidade de professoras, quando o cotidiano da sala de aula, é invadido pelo cotidiano de uma vida, que em meio a tantos fios, vai sendo tecida?

A princípio, estes questionamentos, nos remeteram as contribuições de Gonçalves, Almeida (2019), quando ao dialogarem com Nóvoa (2009) trazem da existência de uma personalidade que precisa ser considerada ao estudarmos a profissionalidade, haja vista, que o encontro entre os contextos pessoais, formativos e profissionais dos professores, podem ser considerados como:

[...] possíveis influenciadores do desenvolvimento profissional, ou seja, os intrínsecos ao sujeito, e que se relacionam com sua história de vida, suas experiências pessoais, familiares, formativas, profissionais, entre outras. Aspectos que dizem respeito à identidade pessoal e profissional de cada sujeito e que tem a ver com a subjetividade que cada um traz consigo. (GONÇALVES, ALMEIDA, 2019, p.90)

E, assim, ao analisar a profissionalidade de Iluminata, foi interessante perceber como esta dimensão pessoal, dos seus percursos vividos, mediante as funções que ela desenvolvia durante sua rotina diária, foi ressoando nos momentos onde, a professora em um espaço inscrito na ordem do profissional (a aula), se autoriza a falar, sobre suas condições de mulher (quando diz que queria arrumar o cabelo, para ir a festa da escola da filha e fazer exercícios na academia) e de mãe (ao falar que a filha chorou, pedindo sua presença).

É possível ver nesta descrição, que o encontro entre a mulher – mãe, que é professora, vai reverberar, também o sentido de maternidade. Mas não o que aparece associado aos fazeres docentes nos anos iniciais, requerendo das professoras o desenvolvimento de atributos ancorados na síntese vocação, ensino, doação, que configurou por muito tempo nas representações coletivas, onde o professorado fora percebido como um “corpo estável de profissionais que não buscava no salário o motivo do seu ofício” (CHAMON, 2005, p.80), mas no amor incondicional às crianças.

Percebamos que agora, o sentido de maternidade se desloca do que historicamente fora fixado. E Iluminata, fala desse sentido, a partir de suas condições de mulher-mãe. Trazendo, durante a aula, seus desejos de estar com as filhas e de se cuidar, revelando-nos como a sobrecarga profissional, lhe subtrai o tempo de ser mãe apenas da sua prole.

O lugar da maternidade nestes enunciados, não aponta mais, para o cuidado e a educação dos seus alunos, filhos de outras mães, conforme fora delegado as professoras primárias.

Deste modo, vamos percebendo que compreender a profissionalidade como discurso de profissão, é atentar-se para seus deslocamentos de sentidos, que caminham para o bloqueio de ‘verdades’ absolutas, fixada para todo o sempre. Uma vez que eles [os sentidos], estarão condicionados a presença da professora Iluminata em seus espaços.

E a respeito da relação presença e sentido, vale lembrar que “não se trata da presença física, mas da presença simbólico-ideológica e da materialidade do espaço, em suas divisões sociais, seu funcionamento discursivo, na produção de seus efeitos de sentidos” (ORLANDI, 2017, p.134). Ou seja, é considerar na análise da produção de sentidos de profissionalidade, o que ressoa através da presença física da professora, nos cotidianos escolares, mas também nos cotidianos de sua vida para além da escola.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como considerações, inferimos que os lugares de mulher, mãe e professora, mediante a produção discursiva em torno da profissionalidade, convidam-nos a entender a docência como um terreno propício à luta por pautas que se entrelaçam, tais como: as consequências da feminização do magistério, jornadas de trabalho exaustivas e mal remuneradas, relações de trabalho ancoradas em cobranças que, por vezes, buscam apenas atingir indicadores e demandas externas às necessidades da escola, além da implementação de políticas públicas de valorização docente que considerem as peculiaridades das mulheres que são mães e lhes possibilitem condições mais respeitadas para viverem tanto a profissão quanto o matinar.

REFERÊNCIAS

ALVES, C. da S.; ANDRÉ, M. E. D. A constituição da profissionalidade docente: os efeitos do campo de tensão do contexto escolar sobre os professores. In: REUNIÃO NACIONAL DA ANPED, 36., 2013, Goiânia. **Anais [...]**. Goiânia: UFG, 2013.

AMBROSETTI, N. B.; ALMEIDA, P. C. A. de. Profissionalidade docente: uma análise a partir das relações constituintes entre os professores e a escola. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 90, n. 226, p. 592-608, set./dez. 2009.

BARBOSA, Priscilla. B. O filho é da mãe? **Dissertação (Mestrado)** – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares. 2016.

BINS, Gabriela Nobre (et.al.) Docência em educação física e Maternidades: construindo outras Inter-relações **Revista Movimentos.** Disponível em: <https://doi.org/10.22456/1982-8918.124530>. 2023

BINS, Gabriela Nobre; SILVA, Lisandra Oliveira. Maternidade e docência: tecendo fios da vida. *In*: SIMPÓSIO BRASILEIRO SOBRE MATERNIDADE E CIÊNCIA, 2, 2019, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre. Disponível em: <https://doity.com.br/anais/simposiobrasileiromaternidadeeciencia/trabalho/85597>. Acesso em: 03 jun. 2021.

CRUZ, S. P. da S. **Professor polivalente: profissionalidade docente em análise.** Curitiba: Appris Editora e Livraria Eireli-ME, 2017.

DINIZ, Margareth. Do que sofrem as mulheres professoras? *In*: LOPES, Eliane Marta Teixeira (org.). **A psicanálise escuta a educação.** 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FERREIRA, Lúcia Gracia. Professores da zona rural em início de carreira: narrativas de si e desenvolvimento profissional. **Tese (Doutorado em Educação).** Universidade Federal de São Carlos, 2014.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. *In*: DEL PRIORE, M. (Org.). **História das Mulheres no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2007. p. 443-481.

ORLANDI, E. P. **Análise do Discurso: Princípios e Procedimentos.** 9Ed. São Paulo: Pontes, 2010.

ORLANDI, E. P. **Eu, tu, ele: discurso e real da história.** São Paulo: Pontes, 2017.

PONTES, Priscilla Maria Silva do Carmo. Profissionalidade das professoras diante dos seus fazeres e das contribuições das Secretarias Municipais de Educação para com o seu tecer-se professora no agreste pernambucano. – Recife, 2021. **Tese (Doutorado)** - Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós-graduação em Educação, 2021.

ZIBETTI, M. L. T.; PEREIRA, S. R. **Mulheres e professoras: repercussões da dupla jornada nas condições de vida e no trabalho docente.** Educ. rev, p.259-276, 2010.